

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E DESLOCAMENTO ATIVO EM ADOLESCENTES ESCOLARES

Raquel Urbano da Silva

Graduada em Educação Física pela Universidade de Pernambuco - UPE, Recife (PE), Brasil.

Natalia Nunes de Lima

Residente em Saúde Coletiva pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco - UPE, Recife (PE), Brasil.

Daniel da Rocha Queiroz

Mestrando em Hebiatria pela Universidade de Pernambuco - UPE, Recife (PE), Brasil.

Rafael Gomes de Souza Pompílio

Mestrando em Educação Física pelo Programa Associado em Pós-Graduação em Educação Física - UPE/UFPB.

Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas

Pós-Doutorado pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto; Docente Associado da Universidade de Pernambuco - UPE, Recife (PE), Brasil.

RESUMO: Existem inúmeros estudos acerca dos benefícios para a saúde ocasionados pela prática de atividade física na adolescência, porém levantamentos nacionais relatam baixos percentuais de jovens ativos, sendo o deslocamento inativo um dos fatores que contribuem com essa inatividade. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é identificar o tipo de deslocamento de adolescentes escolares e relacionar o mesmo com o perfil sociodemográfico. Participaram do estudo 59 escolares (37 do sexo feminino e 22 do masculino) de 13 a 19 anos de idade, do 9º ano do ensino fundamental da rede municipal de Paulista (PE). Os adolescentes responderam a duas questões subjetivas referentes ao meio de deslocamento à escola. Aplicou-se o teste Qui-quadrado e Distribuição de frequências. Como resultado, foi possível perceber que, dentre os escolares, 57,6% se deslocavam a pé ou de bicicleta à escola. A frequência do deslocamento ativo foi superior em escolares residentes na área rural e nos que apresentaram mãe com escolaridade ≥ 8 anos, algo que demonstrou uma associação significativa destas variáveis com o deslocamento. Este estudo demonstrou que mais da metade dos escolares se deslocavam ativamente, algo que destaca a importância do desenvolvimento de políticas públicas com o intuito de elevar ainda mais os índices de atividade física.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente; Atividade Física; Deslocamento; Estilo de Vida; Estudantes.

SOCIO-DEMOGRAPHIC CHARACTERISTICS AND ACTIVE DISPLACEMENT IN SCHOOL ADOLESCENTS

ABSTRACT: Several studies on the health benefits caused by physical activities during adolescence are extant. Surveys in Brazil reveal low percentages of active young people. Inactive displacement is one of the factors that contributes towards such inactivity. Current research identifies the type of displacement in school adolescents and relates it to their socio-demographic profile. Fifty-nine students (37 females and 22 males), aged between 13 and 19 years old, in the 9th year of Elementary Education of a government school in the town of Paulista PE Brazil participated in the study. The adolescents answered two subjective questions on displacement to school and the Chi-Square and Frequency Distribution test was applied. Results show that 57.6% of school adolescents go to school by bicycle or on foot. The frequency rate of active displacement was higher in students living in the countryside and those with mothers featuring schooling of ≥ 8 years, demonstrating a significant association of the variables with displacement. Current study showed that more than half the school adolescents displaced themselves actively and underscored the importance of public policies to raise the indexes of physical activity.

KEY WORDS: Adolescent; Physical Activity; Displacement; Life Style; Students.

INTRODUÇÃO

O Estado de Pernambuco assinala uma população de 8.786.883 hab/m², apresentando 18,7% adolescentes em idade escolar (IBGE, 2010). Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1974), existe um adolescente a cada cinco pessoas no mundo, considerando que adolescência compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade. Esse período é determinado por mudanças emocionais, cognitivas e sociais, proporcionando elevada importância na vida de escolares, devido à transição da infância para a idade adulta (SAITO, 2000).

Considera-se atividade física como um comportamento que inclui as atividades diárias (vestir-se, comer, banhar-se), atividades ocupacionais e atividades de lazer, englobando também atividades esportivas, danças, exercícios físicos e artes marciais. Conceituada, ainda, como qualquer movimento corporal gerado pela musculatura esquelética que leve a um gasto energético acima dos níveis de repouso (NAHAS, 2001).

Nesse contexto, os benefícios tanto a curto quanto em longo prazo, visando à saúde, têm relação direta com a prática de atividade física (HALLAL et al., 2006). Além dos benefícios diretos para a saúde, a prática de atividade física na adolescência está associada a uma maior possibilidade da prática na vida adulta, propondo um efeito indireto sobre a saúde futura (AZEVEDO et al., 2007).

É importante considerar que um dos locais reconhecidos para a promoção da saúde de crianças e adolescentes é a escola, e essa tem um papel necessário na implementação de novas práticas, atitudes e ganho de autonomia, assim como um espaço onde adolescentes, professores e auxiliares disponibilizam maior parte de seu tempo (GUEDES et al., 2009).

Algumas evidências relatam que escolares que se deslocavam ativamente para a escola demonstraram excesso de peso e de gordura corporal menor em relação aos escolares conduzidos de carro (SILVA; LOPES, 2008), assim como o estudo de Souza et al. (2010), que mostrou uma relação significativa entre inatividade física e sobrepeso.

Achados de Santos et al. (2010) relatam que a prevalência de escolares fisicamente inativos nos deslocamentos foi significativamente maior entre os adolescentes que residiam na zona rural, assim como os adolescentes que relataram menor escolaridade materna.

Entretanto, mesmo com inúmeros estudos acerca dos benefícios para a saúde ocasionados pela prática de atividade física na adolescência, levantamentos nacionais relatam baixos percentuais de jovens ativos (MORAES et al., 2009).

Achados de Hallal et al. (2006) apontaram que 27,2% dos adolescentes (10-12 anos) pelotenses recorriam a ônibus, carro ou moto no deslocamento para a escola. E na cidade de João Pessoa, 30% dos estudantes (7-12 anos) foram considerados fisicamente inativos nos deslocamentos (SILVA; LOPES; SILVA, 2007). Entretanto, são escassos os estudos de abrangência nacional, ou até mesmo local, que abordam esta temática.

Para tanto, com base no pressuposto apresentado, o objetivo desse estudo é identificar o tipo de deslocamento de adolescentes escolares e relacionar o mesmo com o perfil sociodemográfico.

2 CASUÍSTICA E MÉTODOS

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO E AMOSTRA

Foi realizado um estudo descritivo, de corte transversal, com abordagem quantitativa, que apresentou população de referência adolescente de 13 a 19 anos de idade de ambos os sexos. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco, sob o protocolo nº 204/11, de 14 de setembro de 2011.

A amostra do estudo foi requerida em três escolas da rede municipal de ensino da cidade de Paulista (PE), composta por 59 alunos do 9º ano do ensino fundamental e matriculados no ano de 2011. As instituições situavam-se nas áreas urbana, rural e litorânea, e a escolha destas foi realizada por conveniência, de modo a obter uma amostragem dos alunos nessa localidade.

Foram incluídos no estudo estudantes matriculados no 9º ano do ensino fundamental regular,

sendo excluídos os escolares que não preencheram o critério mencionado. Compete ressaltar que a opção da série deveu-se ao maior percentual de escolares com idade próxima à de referência (13-15 anos) indicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para estudos de adolescentes escolares (IBGE, 2009).

2.2 PROCESSO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta dos dados foi concretizada no mês de novembro de 2011, e foi pré-agendada nas escolas municipais. Participaram da coleta quatro estudantes, do curso de Educação Física da Universidade de Pernambuco, previamente habilitados para aplicação de um questionário semi-estruturado.

O questionário foi aplicado em sala de aula, na ausência dos professores, com todos os alunos presentes, independente da idade dos mesmos. O instrumento não continha identificação pessoal e todos os adolescentes que participaram foram avisados que em qualquer etapa da coleta poderiam desistir. Os alunos foram observados pelos graduandos para esclarecimento de possíveis dúvidas e auxiliá-los no preenchimento das informações. A participação dos sujeitos foi voluntária.

O instrumento para a obtenção dos dados foi o *Global School-based Student Health Survey*/Organização Mundial da Saúde (GSHS/OMS).

A variável dependente do estudo foi deslocamento ativo e as independentes foram: sexo, idade, área da escola e escolaridade materna. Vale salientar que as variáveis sociodemográficas analisadas foram categorizadas em: sexo (1 = feminino e 2 = masculino); área da escola (1 = litorânea, 2 = urbana e 3 = rural); idade (1 = 13 a 15 anos e 2 = 16 a 19 anos) e escolaridade materna em anos de estudo (1 = < 8 anos e 2 = ≥ 8 anos).

Para classificação do deslocamento foi utilizada a seguinte pergunta: “Nos últimos 7 dias, você foi e voltou a pé ou de bicicleta da escola?”, sendo considerados com deslocamento ativo aqueles que responderam “sim” a pergunta.

As análises de cunho quantitativo foram realizadas no programa SPSS versão 10.0, e incluíram cálculos de distribuição de frequências, média e desvio padrão (DP), sendo utilizado do Qui-quadrado para

associação estatística entre as variáveis e o valor p, a um nível de significância de 0,05.

3 RESULTADOS

A amostra foi composta por 59 adolescentes escolares, com a média de idade de $14,8 \pm 1,2$ anos, pertencentes ao 9º ano do ensino fundamental distribuídos em três escolas municipais da cidade de Paulista. As escolas se localizavam em áreas litorânea (35,6% dos adolescentes), rural (32,2% dos adolescentes) e urbana (32,2% dos adolescentes). Os resultados demonstraram que a frequência do deslocamento ativo em adolescentes do 9º ano de escolas públicas municipais da cidade de Paulista foi de 57,6%, sendo superior aos adolescentes que se deslocavam passivamente (42,4%). O número significativo dos adolescentes era do sexo feminino (62,7%); com faixa etária de 13 a 15 anos (72,9%) e a escolaridade da mãe inferior a 8 anos de estudo (40,7%) (Tabela 1).

Tabela 1. Perfil Sociodemográfico dos Adolescentes da Rede Municipal de Ensino de Paulista (PE)

Variáveis	N	%
Gênero		
Feminino	37	62,7
Masculino	22	37,3
Faixa etária		
13-15	43	72,9
16-19	16	27,1
Área das escolas		
Urbana e litorânea	40	67,8
Rural	19	32,2
Escolaridade materna		
Não sabem e < 8 anos	38	64,4
≥ 8 anos	21	35,6

A Tabela 2 descreve os resultados das possíveis associações entre a forma de deslocamento para a escola e o perfil sociodemográfico dos estudantes. Os resultados demonstraram que o sexo masculino deslocava-se

mais ativamente à escola (72,7%) em relação ao sexo feminino (48,6%). Dentre os escolares que se deslocavam ativamente, 58,1% correspondia à faixa etária de 13-15 anos e 56,3% de 16-19 anos. Os adolescentes residentes na zona rural (89,7%) apresentaram maior frequência no deslocamento ativo à escola em relação àqueles aos que residem na área urbana (47,4%) e litorânea (38,1%).

Além disso, observou-se que, quando a escolaridade materna era inferior a oito anos, 70,8% dos estudantes se deslocam ativamente. Em contrapartida, quando a escolaridade materna era superior ou igual a oito anos, 66,7% dos escolares se deslocavam passivamente.

Porém, apenas as variáveis local da escola e escolaridade materna apresentaram associações significativas com o deslocamento.

Tabela 2. Relação do deslocamento ativo com o Perfil Sociodemográfico dos Adolescentes da Rede Municipal de Ensino de Paulista (PE)

Variáveis	Sim		Não		P
	N	%	N	%	
Gênero					
Feminino	18	48,6	19	51,4	
Masculino	16	72,7	6	27,3	0,07
Faixa etária					
13-15	25	58,1	18	41,9	
16-19	9	56,3	7	47,8	0,8
Local da escola					
Litorânea	8	38,1	13	61,9	
Urbana	9	47,4	10	52,6	
Rural	17	89,7	2	10,5	0,002*
Escolaridade materna					
< 8 anos	17	70,8	7	29,2	
≥ 8 anos	7	33,3	14	66,7	0,01*

*p<0,05 para Teste do Qui-quadrado.

4 DISCUSSÃO

O presente estudo, realizado na rede municipal de ensino de Paulista, com adolescentes do 9º ano do ensino regular, apresentou uma maior prevalência de

jovens que se deslocavam ativamente no caminho para a escola. Essa prevalência se associou a alguns fatores sociodemográficos.

Esta pesquisa apresentou como resultado significativo um percentual de 57,6% de jovens ativos no deslocamento, algo que corrobora com os estudos de Hallal et al. (2006); Silva et al. (2007); Santos et al. (2010); Silva et al. (2009); tendo esses resultados se associado em uma revisão de Santos et al. (2009). Segundo Dumith (2008), a distância para a escola pode ser uma barreira para o deslocamento ativo, uma vez que em longas distâncias é mais cômodo o uso de meios de transporte como carro, moto e ônibus.

Com relação ao gênero este estudo demonstra que os rapazes eram mais ativos no deslocamento do que as moças, algo que difere de outros estudos (HALLAL et al., 2006; SANTOS et al., 2010; SILVA; LOPES; SILVA, 2007). No tocante à relação do gênero com o deslocamento, este estudo não apresentou associação significativa, o que converge com o estudo de Hallal et al. (2006) e diverge de Santos et al. (2010).

Ao considerar que o deslocamento é um tipo de atividade física e que este tem relação com o nível de atividade física dos jovens, este estudo assemelha-se com os resultados de outras investigações que observaram que os rapazes eram mais ativos fisicamente do que as moças (FERMINO et al., 2010; FREITAS et al., 2010; FERNANDES et al., 2011; GONÇALVES et al., 2007; LIPPO et al., 2010; RIVERA et al., 2010) e diverge do estudo de Dambros, Lopes e Santos (2011), no qual relataram que entre as meninas a atividade física preferida foi a caminhada.

Achados de Seabra et al. (2008) defendem como justificativa dos homens serem mais ativos do que as mulheres, devido estas, desde cedo, serem direcionadas ao trabalho doméstico enquanto os homens a trabalhos de intensidade mais vigorosa.

Na relação do deslocamento ativo com a faixa etária esta pesquisa não apresentou associação significativa destes. Este resultado foi divergente do estudo de Santos et al. (2010) que mostrou que rapazes mais velhos têm maior chance de serem inativos no deslocamento.

Diferentemente de outros estudos que analisaram a relação do deslocamento (SANTOS et al.,

2010) e do nível de atividade física (TENORIO et al., 2010) com o local da residência. Este estudo fez a relação do local da escola com o deslocamento, por considerar o papel desta de grande importância nas mudanças de comportamento dos jovens (GUEDES et al., 2009). Apesar do pouco investimento na segurança e infraestrutura de algumas cidades brasileiras (SILVA; LOPES; SILVA, 2007), este estudo apresentou como resultado significativo um percentual de 89,7% de adolescentes ativos no deslocamento, sendo estes da escola rural.

Outro achado importante deste estudo diz respeito à relação da escolaridade materna com o deslocamento que apresentou associação significativa, algo que é encontrado em outros estudos que verificaram a relação da escolaridade com o nível de atividade física (FERMINO et al., 2010; SANTOS et al., 2010). Em geral, quanto menor o nível de escolaridade, maior o índice de inatividade física, algo que indica a falta de informação sobre os benefícios da atividade física para a saúde.

Embora este estudo tenha limitações por ter sido aplicado apenas na rede municipal de ensino, ter uma amostra por conveniência, e um instrumento que não abordava os meios de deslocamento passivo e ser um estudo de cunho transversal, não podendo o resultado do mesmo ser generalizado para a população como um todo. Este estudo apresentou resultados significativos no que diz respeito à relação dos fatores sociodemográficos com o deslocamento.

5 CONCLUSÃO

Quanto à forma de deslocamento dos adolescentes escolares do 9º ano, da rede municipal de ensino da cidade de Paulista, mais da metade dos escolares se deslocavam ativamente. Os achados desta pesquisa corroboram para um corpo de conhecimento disponível, importantes evidências sobre a prevalência do deslocamento ativo e o perfil sociodemográfico em escolares. Essas informações podem direcionar planejamentos e ações para uma aderência desses adolescentes à prática de atividade física regular.

Do mesmo modo, as variáveis local da escola e escolaridade materna apresentaram associações com o deslocamento ativo dos adolescentes, sendo esses da

escola rural e que as mães tinham escolaridade maior ou igual a oito anos de estudo, indicando uma relação dos fatores sociodemográficos com a forma de deslocamento, demonstrando a importância de estudos que abordem a forma de deslocamento, as barreiras encontradas para uma não prática de deslocamentos ativos e sua relação com o perfil sociodemográfico dos adolescentes escolares do município de Paulista. E, dessa forma, auxiliar os profissionais da área a direcionar estratégias e ações que promovam o deslocamento ativo nos adolescentes.

Com isso, as instituições de saúde, a escola e o ambiente familiar são componentes importantes que podem influenciar o compromisso e a aceitação dos adolescentes, levando-os à prática de atividade física para a promoção da saúde.

6 AGRADECIMENTOS

Aos professores e diretores das instituições, que contribuíram para o desenvolvimento da coleta dos dados. À Secretaria de Educação do Município de Paulista (PE), que autorizou a realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. R. et al. Tracking of physical activity from adolescence to adulthood: a population-based study. *Rev Saúde Pública*, v. 41, n. 1, p. 69-75, 2007.
- DAMBROS, D. D.; LOPES, L. F. D.; SANTOS, D. L. Barreiras percebidas e hábitos de atividade física de adolescentes escolares de uma cidade do sul do Brasil. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum*, v. 13, p. 422-428, 2011.
- DUMITH, S. C. Proposta de um modelo teórico para a adoção da prática de atividade física. *Rev Bras Ativ Fís Saúde*, v. 13, p. 52-62, 2008.
- FERMINO, R. C. et al. Atividade física e fatores associados em adolescentes do ensino médio de Curitiba, Brasil. *Rev Saúd Púb*, v. 44, p. 986-95, 2010.
- FERNANDES R. A. et al. Atividade física: prevalência, fatores relacionados e associação entre pais e filhos. *Rev*

- Paul *Pediatr*, v. 29, p. 54-59, 2011.
- FREITAS, R. W. J. F. et al. Prática de atividade física por adolescentes de Fortaleza, CE, Brasil. *Rev Bras Enf*, v. 63, p. 410-5, 2010.
- GONÇALVES, H. et al. Fatores socioculturais e nível de atividade física no início da adolescência. *Rev. Panam Salud Publica/AM J Public Health*, v. 22, p. 246-253, 2007.
- GUEDES, N. G. et al. Atividade física de escolares: análise segundo o modelo teórico de promoção da saúde de Pender. *Rev Esc Enf*, v. 43, p. 774-780, 2009.
- HALLAL, P. C. et al. Prevalência de sedentarismo e fatores associados em adolescentes de 10-12 anos de idade. *Cad Saúde Pública*, v. 22, p. 1277-1287, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=26&uf=26#topo_piramide>. Acesso em: 24 out. 2011.
- LIPPO, B. R. S. et al. Fatores determinantes de inatividade física em adolescentes de área urbana. *Jornal de Pediatria*, v. 86, p. 520-524, 2010.
- MORAES, A. C. F. et al. Prevalência de inatividade física e fatores associados em adolescentes. *Rev Assoc Med Bras*, v. 55, p. 523-528, 2009.
- NAHAS, M. V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. Londrina: Midiograf, 2001.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Disponível em: <http://www.who.int/child-adolescent-health/OVERVIEW/AHD/adh_over.htm>. Acesso em: 24 out. 2011.
- RIVERA, I. R. et al. Atividade física, horas de assistência a TV e composição corporal em crianças e adolescentes. *Arqu Bras Cardiol.*, v. 95, p. 150-165, 2010.
- SAITO, M. I. Adolescência, cultura, vulnerabilidade e risco. *Pediatria*, v. 22, p. 217-219, 2000.
- SANTOS, C. M. et al. Atividade física no contexto dos deslocamentos: Revisão sistemática dos estudos epidemiológicos realizados no Brasil. *Rev Bras Ativi Fis Saúde*, v. 14, p. 15-22, 2009.
- SANTOS, M. S. et al. Prevalência de barreiras para a prática de atividade física em adolescentes. *Rev Bras Epidemiol*, v. 13, p. 94-104, 2010.
- SEABRA, A. et al. Determinantes biológicos e socioculturais associados à prática de atividade física de adolescentes. *Cad. Saúde Pública*, v. 24, p. 721-736, 2008.
- SILVA, K. S. et al. Fatores associados à atividade física, comportamento sedentário e participação na educação física em estudantes do ensino médio em Santa Catarina, Brasil. *Cad Saúd Púb*, v. 25, p. 2187-200, 2009.
- SILVA, K. S.; LOPES, A. S. Excesso de peso, pressão arterial e atividade física no deslocamento à escola. *Arq Bras Cardiol*, v. 91, p. 93-101, 2008.
- SILVA, K. S.; LOPES, A. S.; SILVA, F. M. Atividade física no deslocamento à escola e no tempo livre em crianças e adolescentes da cidade de João Pessoa, PB, Brasil. *Rev Bras Ciên Movimen*, v. 15, p. 61-70, 2007.
- SOUZA, C. O. et al. Associação entre inatividade física e excesso de peso em adolescentes de Salvador, Bahia - Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 13, p. 468-475, 2010.
- TENÓRIO, M. C. M. et al. Atividade física e comportamento sedentário em adolescentes estudantes do ensino médio. *Rev Bras Epidemiol.*, v. 13, p. 105-117, 2010.

Recebido em: 28 de fevereiro de 2014

Aceito em: 17 de agosto de 2014